

NINGUÉM FILOSOFA ENTRE OS DEUSES

*Leosino Bizinoto Macedo**

*"Mas, serenamente,
Imita o Olimpo
No teu coração:
Os deuses são deuses
Porque não se pensam"¹*

INTRODUÇÃO

Do labor cotidiano no magistério filosófico decorre, freqüentemente, o questionamento que o professor levanta acerca de seu público. Fala da apatia de boa parte dos alunos. De seu desinteresse. Das dificuldades relativas ao manejo da língua materna. Da quase total incapacidade de manejo da "língua filosófica". E, dessa observação, passa à crítica sobre o nível cultural geral dos alunos que chegam à Universidade.

Aquele que, como nós, por dever de ofício, enfrenta, todos os dias, semelhante público é permanentemente fustigado pela pergunta: filosofar para quem? Essa mesma pergunta pode ser formulada de outro modo: qual é o público ideal do filósofo?

Tal pergunta não esgota, contudo, o problema. Contracenando com a inquietude que deu origem à pergunta, nova inquietude surge quando o professor de Filosofia percebe que, embutido na pergunta, encontra-se um sofisma, que torna falsa a pergunta: o professor de Filosofia é, ipso facto, filósofo? Esta pergunta, se negativamente respondida, exige outra: é possível ao professor de Filosofia atuar como filósofo?

Ainda que respondidas tais perguntas, as respostas não apaziguariam a mente inquieta do professor de Filosofia. Ele se angustia ao perceber que seu aluno permanece apático nas aulas de Filosofia do mesmo modo que em outras disciplinas...

Amiúde, o professor de Filosofia deixa a sala de aula enfasiado do ofício em razão dessas e de outras dificuldades, que não são objeto desse

*Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia

¹ PESSOA, Fernando. *O guardador de rebanhos e outros poemas*. São Paulo, Cultrix, 1989. p. 129.

estudo, principalmente a falta de reconhecimento público da importância de seu trabalho. E, cabisbaixo, ele volta para casa. Tenta achar o fio da meada desenvolvendo um filosofar do tamanho do caminho de volta ao aconchego do lar, onde encontra termo sua angústia. Sua angústia encontra termo sem que ele tenha encontrado a "pedra filosofal": a distância entre a sala de aula e o lar é sempre pequena e insuficiente para que ele, trilhando o caminho de volta, chegue a uma resposta verdadeiramente concludente.

Todavia, sem resposta, opera-se, no aconchego do lar, a metamorfose e tudo passa a ser diferente: no dia seguinte, eis, feliz, o professor de Filosofia adentrando a sala de aula disposto a começar tudo, tudo de novo!

1. UM TEXTO DE PLATÃO

Foi num desses recomeços que, dias atrás, julgamos ter encontrado a "pedra filosofal". Deparamo-nos, sob nova luz, num texto didático², com a seguinte citação de Platão: "*Ninguém filosofa entre os deuses*". Imediatamente, localizamos a citação no contexto do Banquete: ela integra o chamado mito do nascimento do Eros. Sabemos que, no Banquete, Platão, engenhosamente, coloca na boca de Sócrates relato do diálogo mantido por este com Diotima, a fantástica estrangeira de Mantinéia. A certa altura do diálogo, diz Diotima:

"(Eros) oscila, igualmente, entre a sabedoria e a tolice; devido ao seguinte motivo: nenhum dos deuses, como é claro, exerce a Filosofia, ou deseja ser sábio, pois que, como deus, já o é; quem é sábio não filosofa; não filosofa nem deseja ser sábio também quem é tolo, e aí reside o maior defeito da tolice: em considerar-se como alguma coisa de perfeito, conquanto, na realidade, não seja nem justa nem inteligente. E quem não se considera incompleto e insuficiente, não deseja aquilo cuja falta não pode notar. (...) Até uma criança, caro Sócrates, seria capaz de saber que filosofam justamente aqueles que estão entre uns e outros e que desses faz parte Eros. A sabedoria, efetivamente, é uma das coisas mais belas que há e Eros tem como objeto de seu amor precisamente o que é belo. Logo, devemos reconhecer que Eros é necessariamente um filósofo, e, como tal, ocupa o meio termo entre o sábio e o tolo"³

Não fossem alguns desdobramentos que o texto platônico possibilita, poderíamos concluir aqui este trabalho. A resposta ao problema principal

2 GILES, T.R.. *Introdução à Filosofia*. São Paulo, EPU/EDUSP, 1979. p.45.

3 PLATÃO, *O Banquete*. 203 e.

salta aos olhos: o público ideal do filósofo não é o sábio nem o ignorante, mas aquele que é desejoso de saber.

1.1 O que Significa Filosofar?

Esse é um desdobramento preliminar, visto ser a Filosofia o assunto de que estamos tratando no presente trabalho.

Diríamos, grosso modo, que filosofar significa refletir de forma metódica, radical, crítica e globalizante sobre os problemas que se apresentam na realidade.

Dizer que a Filosofia é um tipo de reflexão corresponde a caracterizá-la, acima de tudo, como atividade da razão. Daí dizer-se, também, que é metódica. Se método é instrumento, eis, genericamente, o instrumento do trabalho do filósofo: a razão especulativa, reflexiva. A despeito de serem correntes expressões como “filosofar pela rama”, a verdadeira filosofia, ao contrário, está voltada para as raízes dos problemas. Sua postura não é ingênua, mas crítica. Está sempre atenta às contradições da realidade.

E realidade não é “coisalidade”, como a etimologia latina (*res-rei = coisa*) poderia nos induzir a pensar. Não se trata da realidade “real”, meramente “coisal” (mundo sem o homem), mas da realidade interpretada pelo homem nela inserido. Homem que pensa o mundo e que pensa a si mesmo no mundo.

Ora, esse mundo no qual estamos inseridos, essa nossa realidade, não é simples, mas complexa. Não a compreendemos inteiramente e nem temos, para muitos fenômenos ou para setores da realidade, explicações que soem unívocas a todos os ouvidos e a todas as consciências. Não compreendemos e não temos explicações; porém, sentimos necessidade de compreender e explicar. É isso o que dá caráter de problema ao móvel da investigação filosófica: a perplexidade, o espanto, que gera a necessidade de explicar o que está e o que não está diante de nossos olhos. Obtida a explicação para aquilo que não sabemos, mas precisamos saber, instaura-se em nós uma paz tanto mais duradoura quanto mais consistente é a explicação. O problema filosófico, portanto, não se reduz a mera questão: de uma questão, podemos saber de antemão a resposta. Como também não é a dificuldade de se chegar à solução que traduz a problematidade do problema. Nem é o não-saber que torna problemático o problema: não sabemos, por exemplo, construir uma bomba atômica e, no entanto, construir uma bomba atômica para nós não é problema. Sim, porque não precisamos e não desejamos construí-la. Problema é não saber e precisar saber. Problema é não saber e ter o desejo de saber.

Daí se infere o seguinte: não é qualquer problema que tem caráter filosófico. Vimos que o caráter verdadeiramente problemático do problema é dado pela necessidade de saber, de explicar o mundo, o outro e a nós mesmos. Mas não podemos perder de vista que aquilo que faz com que o problema seja verdadeiramente problemático é também filosófico: o horizonte de totalidade em que se insere a pergunta - o que faz com que o problema filosófico seja um problema teórico - e a perspectiva de metodicidade, radicalidade e criticidade com que se põe a resposta.

Problemas práticos não são problemas filosóficos. Para resolver problemas práticos, basta a inteligência: a solução desses problemas não exige o uso da razão especulativa e, dela, também os animais são mais ou menos capazes, na medida de sua inteligência, que não é prerrogativa exclusiva do homem. A razão, sim. O homem sempre constrói teorias, modelos explicativos da realidade que o tirem da perplexidade e devolvam tranqüilidade a seu viver, tranqüilidade perdida quando do abandono da postura ingênua. O animal, como é óbvio, jamais constrói teorias. No entanto, ele resolve os problemas de sobrevivência dele e da espécie. Estes problemas são particulares: não são colocados num horizonte de totalidade e, menos ainda, numa perspectiva radical. Isso caracteriza a colocação daqueles problemas cuja solução exige a reflexão filosófica. Os problemas de sobrevivência (práticos) não são problemas filosóficos e os métodos para resolvê-los têm sua natureza.

Os problemas filosóficos são problemas teóricos e os métodos para resolvê-los são os da razão especulativa, com ou sem o auxílio da experiência empírica. Diríamos que esses problemas são científicos, *lato sensu*. Mas diferem das chamadas ciências particulares, cujo método é experimental. Essas ciências são chamadas particulares porque não têm aquele horizonte de totalidade da Filosofia: limitam-se a um setor específico da realidade. Além de, como vimos, ter método próprio.

Do exposto se infere que cada grupo de problemas requer tratamento através de método adequado, mesmo no âmbito da própria Filosofia. Diferentes resultados são obtidos quando abordamos um mesmo problema sob método filosófico diverso: fenomenológico, dialético, estruturalista, lógico-analítico, etc, assim como quando, para resolver um problema prático - cavar um buraco, por exemplo, - utilizamos diferentes ferramentas. Assim, se queremos saber qual é a essência da arte, devemos recorrer ao método fenomenológico. Mas, se o problema é saber porque certos objetos são considerados artísticos, talvez seja preferível o recurso ao método estruturalista. Se, em seguida, o problema é estabelecer a relação entre arte e sociedade, não resta dúvida que o método dialético leva vantagem.

1.2. Filosofia não é Solilóquio

Estamos conscientemente trabalhando com a ambigüidade das traduções sem nos preocupar em remontar ao texto grego. Poderíamos resumir a passagem retro transcrita dizendo: ninguém, dentre os deuses, filosofa. E isto difere da citação de Giles: "*Ninguém filosofa entre os deuses*". De acordo com a primeira frase, não estaríamos autorizados a interpretar o texto platônico a favor da tese segundo a qual o filosofar pressupõe intersubjetividade. Já a segunda, sim, autoriza tal interpretação: o advérbio "entre" aí colocado faz pressupor a existência de um público para o filósofo. De modo que filosofar "entre" corresponde a filosofar "para". Nesse sentido, não filosofamos para nós mesmos, com nossos botões, no silêncio de nossa interioridade, mas filosofamos "para" outros, "com" outros, "entre" outros.

Conseguirá o exemplo de um filósofo do porte de Descartes convencer-nos do contrário? Ora, sabemos que o filósofo das *Meditações Metafísicas* costumava recolher-se ao leito para, a sós, meditar. E meditar na primeira pessoa: "cogito, ergo sum". Eis o resultado desse solitário parto de idéias: Descartes celebrou-se como o pai do racionalismo moderno.

Não nos enganemos com as aparências: a Filosofia não é um solilóquio. Nosso filosofar, por mais que possa parecê-lo - como o de Descartes - é, de fato, intersubjetivo. Estamos, assim, assumindo como verdadeira a citação platônica de Giles em relação ao que ela diz, sem nos preocupar se traduz ou não fielmente o texto grego.

O filosofar é tarefa pessoal e, como tal, exprime nossa visão particular do mundo. Todavia, mesmo quando filosofamos recolhidos em nosso leito - à cartesiana - ou diante de uma folha de papel, não estamos sozinhos, porque aquela visão está "carregada" das influências do meio sócio-cultural onde crescemos, nos educamos e vivemos.

É claro que isto não elimina o mérito do filósofo. É Descartes, sem dúvida, que filosofa. E, não, Mersenne. E, não, Elizabeth. Entretanto, seu filosofar está como que "sobrecarregado" - não concordamos que ele esteja "sobredeterminado" - de influências sócio-culturais. Assim, o pensamento cartesiano, por mais que possa a algumas pessoas parecer, não é produto autônomo de uma mente delirante, mas resultado de uma atividade pensante fortemente influenciada pelas condições concretas de vida de sua época, ainda com profundas marcas medievais, mas vitalizada pelos novos ventos das mais recentes descobertas científicas e geográficas, bem como pela nova maneira racional de ver o mundo em oposição ao modo teológico medieval.

Desse modo, então, nosso filosofar é um filosofar "com". Mas ele é também um filosofar "para". Nosso pensar não serve somente para nós. Serve, também, para os outros, exatamente porque o horizonte filosófico é o horizonte da totalidade. Esse horizonte é intersubjetivo, o que pressupõe a possibilidade de comunicação. Ora, se temos necessidade de buscar explicações para os problemas da realidade, temos também necessidade de comunicar aos outros a explicação que obtivemos através da nossa investigação, ouvindo do outro suas objeções. Sem comunicação, nenhuma ciência avança.

O filósofo não pode, portanto, prescindir de público. Foi assim desde os primórdios da Filosofia Ocidental (e Oriental, até onde nós a conhecemos). Todos os filósofos comunicavam seus pensamentos e, com isso, angariavam discípulos e opositores. Assim aconteceu com os filósofos de Mileto, de Elea, pitagóricos e sofistas. Estes últimos iam de cidade em cidade ensinando a arte de pensar com eficácia. Assim aconteceu com Sócrates, cujo pensamento comunicado lhe valeu um copo de cicuta que ele bebeu como se fosse Coca-Cola, mas sabendo o que bebia e por que bebia. Aconteceu com Platão, fundador da Academia, fundador da primeira universidade. Aconteceu com Aristóteles, fundador do Liceu. Aconteceu com os estóicos, com Epicuro, com Diógenes - o Cínico -, procurado até por Alexandre. Aconteceu com Plotino, Agostinho, Tomás de Aquino: eles comunicavam seus pensamentos e, com isso, angariavam discípulos e opositores. O mesmo aconteceu com todos os filósofos modernos, de Bacon ao último dos empiristas ou dos racionalistas. Aconteceu com os filósofos contemporâneos: os do Círculo de Viena, os da Escola de Frankfurt, os existencialistas, os fenomenólogos, etc. Acontece no mundo todo através de congressos internacionais de Filosofia. Acontece na Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), em congressos e simpósios nacionais e regionais. Acontece no Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia: em sua reunião acadêmica aberta ao público, na Semana de Filosofia anualmente por ele promovida, nas reuniões e gestões do Núcleo de Cultura Latino-Americana (NUCLA). Assim foi, é e continuará sendo: filosofamos com outros, entre outros e para outros.

A nosso ver, com a Filosofia dá-se o mesmo que se passa no âmbito da ciência. Mediante a aplicação de um método, chegamos a determinados resultados que não tem sentido serem guardados só para aquele que realizou o trabalho de pesquisa ou reflexão. Constitui exigência imanente a esse tipo de trabalho uma complementação necessária: realizar a passagem da atividade em si para uma linguagem que possibilite veicular a comunicação dos resultados obtidos no interior de uma dada comunidade devidamente instrumentalizada para receber tal comunicação: a comunidade científica ou a comunidade filosófica.

Desse modo, o filosofar, que muito bem pode se iniciar na solidão do filósofo, nela não se completa. A busca da solidão não passa de uma fase frequentemente importante, mas apenas uma fase do processo do filosofar, complexo em razão da amplitude de seu objeto (a totalidade do real) e a radicalidade com que o abordagem deve ser feita. A Filosofia, entendida como uma reflexão metódica, totalizante e radical sobre a realidade, só se completa, assim, quando o filósofo dá a público, através de comunicação oral ou escrita, o resultado de suas meditações. O filosofar pressupõe a existência de um público. Coube-nos, no início, perguntar: qual é, então, o público do filósofo?

1.3. Os Deuses não Filosofam

Uma coisa é certa: público do filósofo não são os deuses. Os deuses não filosofam. Isto podemos depreender facilmente do texto platônico que afirma com clareza meridiana: "*nenhum dos deuses, como é claro, exerce a filosofia*"; "*nenhum deus filosofa*".

Mas por que os deuses não filosofam?

Diríamos, interpretando Platão: os deuses não filosofam porque são deuses! Ou nas palavras dele próprio: "*Nenhum dos deuses (...) deseja ser sábio, pois que, como deus, já o é; quem é sábio não filosofa*".

Sabemos que filósofo não é o sábio, mas o desejoso do saber, o amante, o apaixonado pelo saber. É assim que se apresenta o filósofo, diferentemente do sofista.

Os deuses não filosofam, dissemos. Reformulemos, agora, a pergunta: por que os deuses são deuses? Para responder, voltemos à epígrafe:

*"Mas, serenamente,
Imita o Olimpo
No teu coração:
os deuses são deuses
Porque não se pensam"*.

Concordar com Fernando Pessoa equivale a inverter os termos da resposta: os deuses são deuses porque não filosofam.

Assim como o filosofar caracteriza a contingência humana, o não-filosofar designa a não-contingência divina.

Agora, sim, podemos voltar à frase com que resumimos o número 203e do Banquete: Ninguém, dentre os deuses, filosofa.

É verdade: os deuses não filosofam. E um detalhe: não filosofam porque são deuses! Não dissemos antes que o ponto de partida do filosofar é a existência de problemas? Ora, os deuses não têm problemas. Eles têm soluções. Eles são soluções. Eles detêm todas as explicações. Não dissemos que o que dá o caráter problemático do problema é o fato de não saber e precisar saber? Ora, os deuses são sábios. Logo, não filosofam. Se filosofassem não seriam deuses, pois o filosofar é sinal de incompletude.

Porém, o poeta diz:

*"Imita o Olimpo
No teu coração".*

Como pode ele dar a nós humanos um conselho como este? Como pode ele aconselhar-nos a não pensar? Como, se não somos deuses, se não somos sábios? Platão mostra-nos o outro caminho do não-pensar: o caminho da tolice, da imbecilidade, da ignorância...

1.4. Ninguém Filosofa Entre Tolos

Qual é o público do filósofo? Eis uma primeira resposta pela negativa: o público do filósofo não são os tolos, os imbecis, os ignorantes. Eles não sabem e não desejam, não sentem necessidade de saber.

Para filosofar, é imprescindível ter o desejo, a necessidade de saber. Por que haveria alguém de filosofar se não sabe e não deseja saber? O tolo não filosofa. Ele está satisfeito com sua condição. O ignorante não filosofa. Ele está feliz com sua ignorância. O detentor de uma consciência ingênua não filosofa porque o véu da ingenuidade cobre-lhe os olhos de modo que ele não vê os problemas.

O filósofo filosofa para desfazer-se da angústia em que foi atirado pela visão de uma situação problemática. O tolo e o ignorante não se angustiam. Para eles tudo é simples, porque vêem o mundo de forma simplista. Não há problemas para eles porque a cegueira intelectual não os deixa ver a complexidade do real. Não há neles aquele "espanto" de que falava Aristóteles. Por não pensarem radical e criticamente, tudo para eles no mundo é comum e sempre o mesmo.

Os tolos não filosofam. Por que filosofar entre tolos, com os tolos e para os tolos?

1.5. Ninguém Filósofa Entre Deuses

Os deuses não filosofam, dissemos. Para quem haverá, então, de filosofar o filósofo? Eis uma segunda resposta pela negativa: o público do filósofo não são os deuses, não são os sábios. O filósofo não teria como motivar os deuses, não teria como motivar os sábios, porque eles não têm problemas. A verdadeira motivação, aquela que é inerente ao filosofar, é aquela que nasce do "espanto", da visão dos problemas que a realidade nos apresenta. Toda outra tentativa de motivação é artificial.

Sendo uma resposta pela negativa, a resposta padece de um outro defeito: o de não resolver um dos problemas colocados de início, que é o problema da apatia de boa parte dos alunos nas aulas de Filosofia. A resposta não resolve o problema exatamente porque nossos alunos não são deuses, não são sábios. E não é porque eles não filosofam que eles não são sábios. O filósofo não é o sábio, é o amante do saber. É aquele que busca apaixonadamente respostas rigorosas, totalizantes, para os angustiantes problemas da realidade.

Sem ter resolvido o problema da apatia, voltamos à pergunta central deste trabalho.

1.6. Qual é o Público Ideal do Filósofo?

Para quem se filosofa? Cabe aqui uma resposta afirmativa. O público ideal do filósofo é composto por todos aqueles que não sabem e desejam saber. Todos estes estão maduros para serem iniciados no filosofar, inclusive, ou, talvez, principalmente, as crianças. Seu modo simples de formular a pergunta é, freqüentemente, exemplar para o filósofo: Por que isto? Por que aquilo? Este é, aliás, o primeiro critério que deve orientar a colocação de um problema filosófico: ele deve ser suscetível de uma formulação simples.

Ocorre que boa parte das crianças só recebe evasivas às perguntas que formulam. Tais procedimentos dos adultos as levam a continuar não sabendo o que não sabiam, além de frustrar-lhes o desejo de saber. Eis um começo de resposta para o problema da apatia...

Insistamos um pouco no texto do Banquete. Não se filosofa para os sábios porque eles, enquanto sábios, não têm necessidade de saber. Nem se filosofa para os tolos porque eles, enquanto tolos, não sabem e não se interessam por saber. Filosofa-se para aqueles que estão no meio: os que não são sábios nem tolos, ou seja, os que não sabem, mas querem saber. Estes, não sendo deuses nem tolos, perscrutam perplexos as entranhas da

realidade, prenhe de enigmas. Aqui colocamos de novo o problema da apatia de boa parte dos alunos. Sabemos que eles não sabem. Mas por que procedem daquele modo transmitindo uma aparência de quem não quer saber?

2. OS ALUNOS: SÃO DEUSES OU SÃO TOLOS?

Seriam eles deuses? Não, sabemos que eles não sabem.

Seriam eles tolos? Uma boa parte, não. Esses alunos apenas aparentam não querer saber por ter sido sucessivamente frustrado seu desejo de saber, desde a infância, pelas evasivas dos adultos, às vezes até em nome de uma educação que deseducou sua razão naturalmente filosofante, embotando-a. Não, eles não são tolos. Os tolos são suficientemente inteligentes para não trocarem a paz que lhes dá seu saber ingênuo pela laboriosa e angustiante busca de um saber cultivado em sua radicalidade. Sob este ponto de vista, Fernando Pessoa tem razão:

*"Imita o Olimpo
No teu coração".*

Nesse ponto, os tolos se parecem com os deuses: assim como os deuses não trocariam o Olimpo por uma universidade, também os tolos não o fariam. Seria tolice...

Tolice também seria não perceber que estamos diante de dois paradoxos. O primeiro é que, não sendo deuses nem tolos, deveriam os alunos ser desejosos, ávidos do saber. E isto, freqüentemente, não ocorre: boa parte é apática e desinteressada. Mas há um segundo...

3. PARADOXO: O PROFESSOR DE FILOSOFIA NÃO FILOSOFIA

O segundo paradoxo é que o professor de Filosofia, aquele a quem cabe a tarefa social de ensinar a filosofar, em geral, não filosofa: repete filosofias.

A culpa desse fato, porém, é dele apenas parcialmente. As instituições escolares, quando pensam na Filosofia, restringem-se, quase sempre, ao "filosofado" e, por isso, acomoda-se melhor a seus propósitos a figura do "professor de Filosofia" (do "filosofado") e, não, a figura do filósofo. Daí o paradoxo: o professor de Filosofia não filosofa; ele veicula o filosofado; ele agencia filosofias constituídas. E, enquanto ele assim procede, as coisas permanecem como estão.

Para quem, de fato, filosofa, as coisas não podem permanecer como estão: o filosofar, enquanto repensa a realidade, exige mudança, transformação. As instituições escolares, todavia, - como outras quaisquer - estão cristalizadas e são, freqüentemente, incompetentes para agenciar a mudança. Então, atendem-lhes melhor os interesses os professores de Filosofia que os filósofos. De roldão com outros ideais, sucumbe também o ideal do filósofo e ele se torna sofista.

Como o sofista, vai o professor de sala em sala ensinando (ou fazendo de conta que ensina a um aluno que é seu cúmplice porque faz de conta que aprende) e, ensinando, ganha sua sobrevivência. Como o sofista, é relativista e pragmático. Filosofa com hora marcada, sobre conteúdo predeterminado e sua verdade não precisa ser eterna: basta que dure cinquenta minutos.

Talvez possa ocorrer a alguém a pergunta: que mal há nisto? Pragmaticamente falando, não há mal nenhum. Afinal, não merecem também lugar ao sol aqueles que, no circo, são prestidigitadores? A comparação com os sofistas traz, todavia, o risco de se transferir para o professor de Filosofia a conotação pejorativa que a palavra "sofista" carrega desde Platão, sem transferir-lhe também seus méritos.

Fora desde ponto de vista pragmático, entretanto, é que surgem as dificuldades. Como resolvê-las?

4. O OUTRO CAMINHO

Vemos dois caminhos, duas saídas para estes dois paradoxos.

O primeiro caminho é institucional: o professor de Filosofia, para motivar seu aluno, tem que deixar de ser professor de Filosofia (do "filosofado") e tornar-se filósofo entre filósofos. Antes de tudo, ele recuperará para o jovem o caráter verdadeiramente problemático do problema, que ele perdeu ao deixar para trás a infância. Exemplificará, através do perguntar profundo das crianças, o modo simples e direto de como devem ser formulados os mais complicados problemas que desafiam a razão historicizada do homem. E, em conjunto com o jovem, buscará respostas, que serão testadas no diálogo, na discussão, no debate.

O fato de o professor de Filosofia não poder ser unicamente responsabilizado pela desmotivação do aluno não nos inibe de perguntar mais uma vez: por que o aluno apresenta-se apático, aparentando não desejar saber? (Já dissemos que ele, em geral, o deseja, pois ele não é tolo). A resposta não nos parece ser outra: é porque lhe falta motivação. E

falta-lhe motivação porque os professores, freqüentemente, não assumem como ponto de partida problemas filosóficos reais que os alunos teriam condição de formular, desde que orientados. É importante isto: precisam ser orientados, pois já se esqueceram do que muitas e muitas vezes perguntaram na infância. Já perderam a espontaneidade própria da criança em virtude das evasivas, das frustrações, da educação castradora do pensamento...

Por que os alunos não se sentem motivados? Curto e grosso: é porque o professor não filosofa autenticamente. Ele repete filosofias. E é extremamente chato e nada motivador conhecer apenas o filosofar dos outros sobre a realidade dos outros! Como se fosse deus, ele, com ar professoral, anuncia seu saber. Diante, porém, de uma assembléia apática, não percebe que faz papel de tolo. De fato, o aluno pouco tem a fazer com esse saber doutoral haurido com fastio de quem não se considera pago para promover o filosofar do aluno, orientá-lo, mas para ensinar Filosofia em dada instituição, com hora marcada e conteúdo pré-estabelecido. Mal sabe, às vezes, o professor o que Kant já sabia: que não se ensina Filosofia; ensina-se a filosofar. As aulas de Filosofia são, freqüentemente, comparadas com aulas de outras ciências, que os alunos "assistem", quando devem ter por modelo aulas de Ballet, Natação, Educação Física. Como é que os alunos referem-se a estas aulas? Eles dizem: agora, vou "fazer aula" de Ballet, de Natação, Educação Física. Os nossos alunos continuam dizendo: vou "assistir aula" de Filosofia. E nós, professores, continuamos dizendo: vou "dar aula". E dizíamos isso mesmo quando o salário do professor era mais digno...

O professor precisa mudar sua linguagem.

Acima de tudo, o professor precisa mudar sua prática. Como um tolo, não percebe, às vezes, que o problema da motivação do aluno se resolve quando ele desperta o aluno para a percepção dos problemas inscritos na realidade em que este vive, orienta-o na formulação clara e simples desses problemas (pois um problema clara e precisamente formulado já está a meio caminho de sua solução) e o instrumentaliza metodologicamente para enfrentá-los.

Nestas condições, o aluno jamais "assistirá" aula. Ele se tornará agente da aula; ele não estará ali para receber passivamente alguns conhecimentos, mas para buscar, investigar ele próprio sobre o problema filosófico que formulou com a ajuda e orientação do professor. Esse aluno não "assistirá" aula. Ele "fará" aula. Ele "fará" Filosofia. Ele "operará" a Filosofia. Ele filosofará. Afinal, ele não é "deus", nem tolo.

Este é um caminho, uma das saídas que o professor de Filosofia tem para desenvolver de forma menos frustrante seu trabalho, mas há outro caminho, necessário face à cristalização ao emperramento e ao ranço das instituições.

Esta segunda via é não-institucional e representa uma atitude de descrédito em relação às instituições, que já foram capazes de matar muitas das melhores iniciativas. Uma delas, que nos parece moribunda, é a iniciativa de implantação de um curso de Filosofia no interior da UFU. Em geral, as instituições cuidam de tudo o que é capaz de impedir o filosofar: estabelecimento de normas, tarefas burocráticas, planos de todos os tipos, boletins de resultados, reuniões sem fim. Tudo isso nos faz acreditar numa saída não-institucional.

A saída está em estimularmos atividades filosóficas extra-institucionais, extra-classe, sob forma de grupos de estudo independentes, livres sob todos os aspectos, à semelhança daqueles que se formavam na antiga Grécia como o que Platão descreve no Banquete, tendo como figura central Sócrates.

Só assim nós, sofistas, poderemos filosofar um pouco. (Afinal, Sócrates não é considerado, às vezes, o maior dos sofistas?).

BIBLIOGRAFIA

1. PESSOA, F.. *O Guardador de Rebanhos e outros poemas*. São Paulo, Cultrix, 1989.
2. GILES, T.R.. *Introdução à Filosofia*. São Paulo, EPU/EDUSP, 1979.
3. PLATÃO. *Banquete*. Rio de Janeiro, Edições de Ouro, s.d.